



As fontes gramaticais e a divisão de conteúdos da *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) de Manuel Álvares

Grammatical sources and the division of contents of the *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) by Manuel Álvares

Leonardo Ferreira KALTNER*

Janaina Fernanda de Oliveira LOPES**

RESUMO: No presente artigo, fruto de pesquisa desenvolvida no grupo de pesquisas Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (FILIC/CNPq/UFF), no campo da Historiografia da Linguística, mais especificamente no campo da História da Gramática, ou Gramaticografia, investigamos a obra *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) de Pe. Manuel Álvares, SJ (1526-1583). Iniciamos nosso texto com a contextualização da obra gramatical e analisamos as fontes gramaticais antigas utilizadas pelo humanista português. Na segunda parte de nosso estudo, apresentamos a divisão de conteúdos da gramática de Álvares, descrevendo o sumário da obra quinhentista, que teve grande impacto no pensamento linguístico do mundo europeu e da América portuguesa, entre os séculos XVI e XVIII. A obra é de interesse para a Historiografia da Linguística no Brasil. A sequência de

ABSTRACT: We investigate the work *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) by Fr. Manuel Álvares, SJ (1526-1583) in this article, which is one of the results of the researches developed in the group Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (FILIC/CNPq/UFF), in the field of Linguistics Historiography, more specifically in the field of History of Grammar, or Grammaticography. We begin our text with the contextualization of the grammatical work and analyze the ancient grammatical sources used by the Portuguese humanist. In the second part of our study, we present the division of contents of Álvares' grammar, describing the summary of the 16th century work, which had a great impact on linguistic thought in the European world and in Portuguese America, between the 16th and 18th centuries. The Alvares' work is of interest to the Historiography of Linguistics in Brazil. The sequence of

* Doutor em Letras Clássicas pela UFRJ. Professor Associado da UFF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3690-3132>. leonardokaltner@id.uff.br.

**Mestre em Estudos de Linguagem pela UFF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7747-7577>. janainal@id.uff.br.

conteúdos gramaticais encontrada teve continuidade em textos modernos que descrevem a língua latina, sendo ainda a obra influente, indiretamente, na tradição gramatical ocidental.

grammatical contents found was continued in modern texts that describe the Latin language, and the work of Álvares is still indirectly influential in the Western grammatical tradition.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da Linguística. Gramaticografia. Humanismo renascentista. Língua Latina. Linguística Missionária.

KEYWORDS: Historiography of Linguistics. Grammaticography. Renaissance Humanism. Latin Language. Missionary Linguistics.

1 Introdução

No presente artigo, a partir de pressupostos teóricos da Historiografia da Linguística (SWIGGERS, 2013)¹, analisamos as fontes clássicas gramaticais e a divisão de conteúdos da gramática latina quinhentista de Pe. Manuel Álvares, SJ (1526-1583). Nosso artigo vincula-se aos estudos de gramaticografia renascentista, isto é, aos estudos sobre uma interpretação crítica da história da gramática no período renascentista, tendo como objetivo compreender o pensamento linguístico do humanismo renascentista português, a partir das fontes do gramático humanista e da divisão e sequência de conteúdos descritivos de sua gramática. O humanismo renascentista português é também a corrente de pensamento a que se vincula a obra de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), enquanto gramático, autor da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, tipografada em 1595, pedra angular da gramaticografia brasileira, na América portuguesa quinhentista.

O gramático e jesuíta Manuel Álvares foi um humanista nascido na Ilha da Madeira, no ano de 1526, que viveu em Portugal, tendo falecido em Évora em 1586. De sua obra, destaca-se a *De Institutione Grammatica Libri Tres*, de 1572, tema do artigo, gramática latina que se tornaria globalmente conhecida, a partir de sua prescrição na

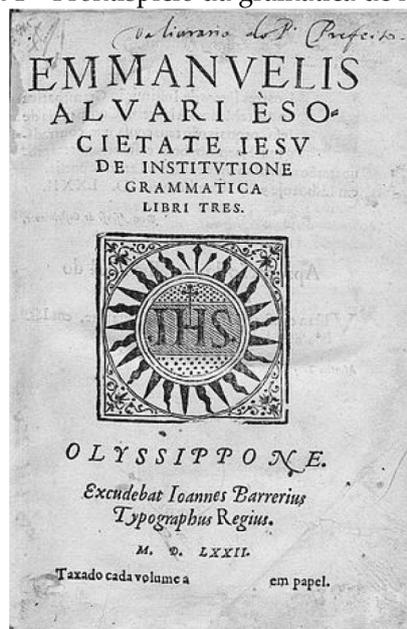
¹ A partir do aparato teórico de Swiggers (2013), a gramática de Manuel Álvares é tomada como ponto de ancoragem (entidade individual), para analisar a escola de pensamento (rede contínua) do humanismo renascentista português. Dois fenômenos são descritos: as fontes da gramática de Álvares e a rotulagem dos capítulos, com a sequência de temas de sua gramática.

Ratio Studiorum de 1599² (MIRANDA, 2010; TORRES, 1998). A obra de Manuel Álvares teve grande impacto não só na Europa, como nas missões jesuíticas, escolas e colégios da Ásia, da África e das Américas, tornando-se um morfótipo textual para gramáticas posteriores, até o período racionalista, derivado das revoluções iluministas, no século XVIII. Na América portuguesa, foi um dos textos gramaticais mais influentes, entrando em desuso apenas após a época do Marquês de Pombal.

Durante quase três séculos a obra foi editada e estudada em comunidades linguísticas diversas, europeias e extraeuropeias, apresentando o latim humanístico em sua descrição, com a finalidade também de ser um modelo didático no ensino de gramática, logo era um texto que pressupunha aulas de gramática, no processo de educação linguística (CARDOSO, 1995). Álvares, como humanista, aprendeu o latim, o grego e o hebraico no Colégio de Santo Antão, na Lisboa quinhentista. No período em que os jesuítas assumiram a administração do Real Colégio das Artes de Coimbra, no ano de 1555, o humanista foi convidado para lecionar as Humanidades no curso preparatório à universidade (FERNANDES, 2007). Sua experiência no colégio humanístico contribuiu para a elaboração de sua obra gramatical com a finalidade pedagógica, para a formação humanística de missionários no contexto quinhentista das missões, escolas e colégios jesuíticos (KALTNER, 2016).

² A *Ratio atque Institutio Studiorum* de 1599 é o documento normativo da educação jesuítica, composto de regras para o funcionamento das instituições educacionais jesuíticas. O documento prescreve a obra de Manuel Álvares, nas três classes de gramática.

Figura 1 – Frontispício da gramática de Álvares.



Fonte: extraída de edição fac-símile (ÁLVARES, 1572).

2 Contextualização da obra, influências e fontes gramaticais

O aspecto pedagógico marca o clima intelectual do período humanístico na sistematização do ensino pela Companhia de Jesus, a *Societas Iesu*, sendo a gramática latina considerada no sistema de ensino humanístico a primeira disciplina a ser estudada, antes da retórica, mesmo da teologia e da filosofia (MIRANDA, 1995; 2001; 2010; 2011). A gramática de Álvares³ configurava-se como um manual, isto é, uma obra didática que compunha a doutrina gramatical do latim humanístico em sua totalidade, indo dos aspectos mais simples das declinações nominais e verbais, até as construções e as figuras poéticas do latim humanístico. Nesse sentido, a obra apresentava a latinitas, isto é, todas as competências e características necessárias ao aprendizado de latim, descrevendo o sistema linguístico da língua clássica de forma integral, mas ao mesmo tempo de maneira sintética, o que garantiu o prestígio da obra e de seu autor ao longo dos séculos.

³ Ao longo do século XX, os estudos alvaresianos desenvolveram-se, sobretudo, com as pesquisas de Rogelio Ponce de León Romeo (2015) e de Juan María Gómez.

Diferentemente de nossa época, o aprendizado do latim humanístico se dava para o uso da língua como uma língua natural, isto é, a gramática objetivava ser um método didático para fomentar, além da leitura e tradução de textos latinos, também a fala em latim e a produção textual, que constituía o clima intelectual da época, derivado do humanismo e do pensamento linguístico de Petrarca e de Erasmo, pautados na *Respublica Litteraria* e nos *studia humanitatis*, de influência inicial ciceroniana. A educação humanística quinhentista tinha na língua latina a base para as reflexões gramaticais vernaculares, servindo o latim como língua de contraste para a gramatização. Ainda que, didaticamente, muitos considerassem a gramática de Álvares de difícil leitura, na própria *Ratio Studiorum* (1599), em sua regra de número 23, para o Provincial da ordem, estabelece-se que outra gramática poderia ser utilizada no ensino jesuítico, desde que respeitados os princípios da gramática do humanista (FRANCA, 1952; 2019).

Assim, para compreendermos, em uma leitura crítica atual, a educação linguística da *Ratio Studiorum* é essencial conhecer aspectos da gramática de Álvares, como as fontes da obra, por exemplo, que deriva da tradição gramatical clássica latina. A divisão de conteúdos gramaticais da *Ratio Studiorum* segue a divisão de tópicos da gramática do humanista, em um nível sequencial progressivo, ordenado em três classes de gramática: básica, intermediária e superior, que poderiam durar de três a cinco anos, dependendo da disciplina do estudante. O método de ensino da *Ratio Studiorum* previa uma preleção, isto é, a explicação do conteúdo, a memorização da regra gramatical e exercícios de produção textual, a partir dos exemplos da gramática (LEITE, 1938).

Conforme a educação linguística jesuítica, o ensino de latim seria a base para a compreensão da doutrina cristã, da poética clássica romana, dos textos jurídicos, teológicos e filosóficos, mas ao mesmo tempo, o missionário jesuíta deveria ter fluência na língua latina para compor obras, sobretudo cartas e documentos que relatassem o

funcionamento das missões. O conhecimento linguístico permitia que os missionários gramatizassem línguas diversas, a partir da base gramatical latina, produzindo os textos gramaticais analisados pelo campo da Linguística Missionária, como a gramática Anchieta sobre a língua dos indígenas de cultura Tupinambá (KALTNER, 2013). Como a *Ratio Studiorum* é um corpus normativo de regras, que organizam o sistema de educação linguística, a gramática de Álvares deveria seguir a organização desse sistema gramatical, herdeiro da tradição escolástica especulativa e das inovações humanísticas. Nesse aspecto, a gramática de Álvares é mais sintética, em relação ao modelo de gramática dos modistas.

A língua latina tinha lugar de relevo nos colégios jesuíticos, e a *De Institutione Grammatica Libri Tres* buscava reafirmar o status e prestígio da língua latina na educação linguística missionária pelo modelo gramatical humanístico, vinculado à formação cristã dos jesuítas e seus catecúmenos. A *De Institutione Grammatica* tem sua edição em 1572, tipografada em Portugal. O latim humanístico era ensinado pelos jesuítas desde a fundação da ordem religiosa, sendo reafirmado o ensino nas *Constitutiones* e, posteriormente, na *Ratio Studiorum*. Antes de Álvares, jesuítas como Anibal Du Coudret e Diogo Ledesma foram os primeiros idealizadores de um compêndio específico para o uso da ordem religiosa (FRANCA, 2019).

No entanto, mesmo com seu profundo conhecimento do latim e das humanidades, os missionários que o antecederam não conseguiam organizar um material didático nos moldes da disciplina gramatical do humanismo renascentista. Em Portugal, o clima intelectual quinhentista era dominado por gramáticos como o humanista Estevão Cavaleiro, no início do século, pelo uso das obras de Clenardo, Nebrija, Despautério e João de Barros (SPRINGHETTI, 1961-1962; MIRANDA, 1995), havendo um certo ecletismo no ensino de latim pelas ordens religiosas, e mesmo a continuidade do ensino pela gramática especulativa medieval. A gramática de Manuel

Álvares seria um ponto de inflexão na gramaticografia renascentista portuguesa, e mesmo europeia, a partir de 1572.

Entre as gramáticas humanísticas adotadas e editadas em Portugal, antes da obra de Manuel Álvares, Rolf Kemmler (2013b, p. 160) destaca algumas obras que o antecederam. É bem possível que essas gramáticas humanísticas ainda continuassem em uso após a edição da obra de Álvares, que deveria levar algum tempo até atingir o seu prestígio, sobretudo entre os jesuítas, para além do reino absolutista lusitano, de então:

- Estevão Cavaleiro: *Noua grammatices Marie matris dei virgi-nis ars cuius author est magister Stephanus eques lusitanus* (1516);
- Máximo de Sousa: *Institutiones tum lucide, tum compendiose latinarum literarum* (1535);
- Duarte Pinhel: *Latinæ Grammatices Compendia* (1543);
- Nicolau Clenardo: *Institutiones Grammaticæ Latinæ* (1538);
- Jerónimo Cardoso: *Grammaticae introductiones breuiores & lucidiores [...]* (1552);
- Jan van Pauteren: *Carmina Ioannis Despauterij De arte grammatica cum quibusdam alijs ad puerorum institutionem necessarijs* (1555);
- Fernando Soares Homem: *Grammatices duo Compendia eo modo in methodum contracta ut nihil redundet, aut desit* (1557);
- Ruy López de Segura: *Grammaticae institutiones a Roderico Lopez a Sigura nuper aeditae* (1563) (KEMMLER, 2013b, p. 160).

A obra de *Despauterius* tornou-se uma das mais polêmicas nesse contexto, devido à sua complexidade e dificuldade de compreensão, como comenta Navarro (2000, p. 396): “Adotou-se a gramática de Despautério em Portugal, desde o início, nos colégios da Companhia de Jesus, e ainda continuava em uso quando Manuel Álvares publicou sua célebre gramática, isso em 1572.” O ensino humanístico cristão em Portugal sistematizou-se após a organização da *Ratio Studiorum* pelos jesuítas, o que impactaria também a educação das instituições missionárias nas colônias ultramarinas. Cumpre salientar que não apenas os jesuítas tiveram acesso às inovações humanísticas quinhentistas, assim, o ensino e a formação missionária nas ordens

religiosas portuguesas desenvolviam-se entre franciscanos, dominicanos, entre outras ordens e congregações, com as inovações trazidas pela tipografia de Gutenberg e pela gramatização dos vernáculos.

Para que a gramática humanística de Álvares fosse organizada, na edição de 1572, houve diversas tentativas de outros humanistas de criar um material adequado ao clima intelectual da época e à cultura de base cristã portuguesa. Os colégios jesuíticos, como integrantes da reforma católica quinhentista, necessitavam de um material com as inovações do método humanístico, mas vinculado ainda à tradição que caracterizava a sua identidade religiosa. Nesse sentido, Álvares, desde 1564 esboçou o seu método de latinidade, observando as fontes e a tradição em que se apoiaria para desenvolver o texto gramatical (SPRINGHETTI, 1961-1962). Logo, esse processo desenvolveu-se por seis anos, até a conclusão da obra, que seria, culturalmente, um dos legados desse período histórico e uma das gramáticas mais influentes na tradição ocidental, tornando-se paradigma para diversas obras derivadas da tradição missionária, na descrição de línguas extraeuropeias, ao longo dos séculos XVII e XVIII.

A obra de Álvares é marcada pelas inovações da transição do clima intelectual do medievo para a Renascença, da gramática especulativa para a gramática humanística. Por ser o autor de tradição cristã e sua obra descrever o latim, há elementos oriundos de tradição gramatical medieval na obra, com inspiração em *Donatus*, porém a divisão de temas segue o padrão de gramáticos humanistas que o antecederam, como Nebrija e *Despauterius*, que foram inspirados em Quintiliano, na disposição de conteúdos gramaticais, o que caracteriza o pensamento linguístico humanístico:

Questo disagio e malcontento per grammatiche inadatte alie nuove aspirazioni di purezza umanistica, questi lamenti che significavano chiaramente una nuova e decisa volontà di spezzare e lasciare per sempre una ormai superata tradizione medievale, furono per tempo

sentiti dalla Compagnia di Gesù, la quale manifestò subito l'intenzione di porvi rimedio con una nuova grammatica che riscuotesse l'approvazione di tutti e soddisfacesse alie esigenze più raffinate dei tempi. (SPRINGHETTI, 1961-1962)⁴.

A *De Institutione Grammatica Libri Tres* de Álvares configurava-se como o principal instrumento pedagógico dos jesuítas, na expansão de sua política missionária. Era a obra de acesso às disciplinas renascentistas, à filosofia humanística e à teologia cristã, aplicada em Portugal, e posteriormente, nas colônias ultramarinas, expandindo-se seu uso pela Europa, África, Ásia e América. Nesse sentido, torna-se oficial, a partir da *Ratio Studiorum* em 1599, e um dos documentos linguísticos mais influentes no contexto da América portuguesa, de sua publicação até o século XVIII, sendo tema central das classes de gramáticas adotadas nos colégios dos jesuítas no Brasil. A recepção da obra caracteriza o pensamento linguístico e o clima intelectual desse período histórico, anterior à independência do Brasil e dos gramáticos racionalistas, oriundos das correntes de pensamento iluminista que sucederiam à obra de Álvares, em Portugal.

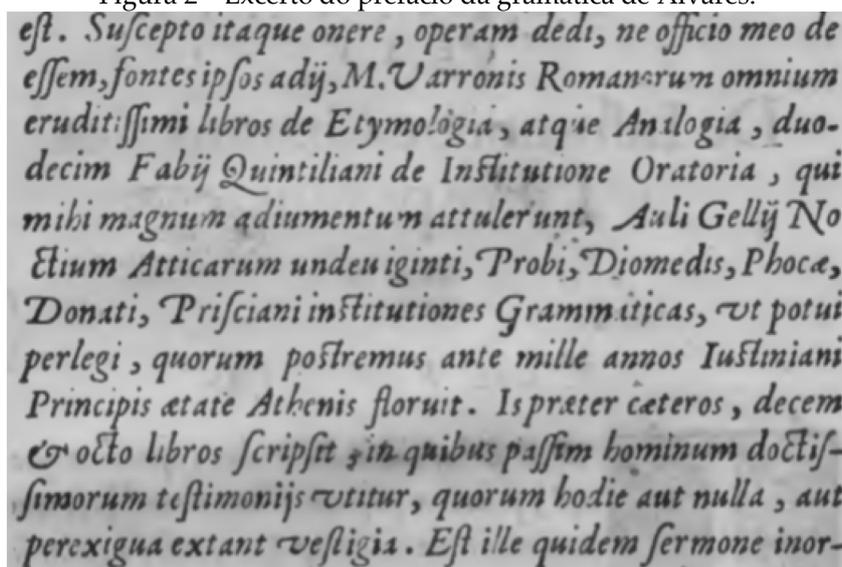
Vejamos, brevemente, quais fontes são citadas pelo humanista português para a redação de sua gramática latina. Suas influências são clássicas, isto é, de gramáticos latinos do período da Roma antiga, algo que caracteriza o seu clima intelectual. Álvares apresenta como fontes que o influenciaram: Varrão, Quintiliano, Aulo Gélío, Probo, Diomedes, Focas, Donato e Prisciano. Esses gramáticos romanos, prestigiados pelos humanistas, faziam parte do cânon de autores latinos que influíam no pensamento linguístico renascentista, sendo fontes comuns aos gramáticos quinhentistas, que descreviam o latim clássico, e mesmo àqueles que buscavam

⁴ Um mal-estar e descontentamento com gramáticas inadequadas para as novas aspirações de pureza humanística, esses lamentos que claramente significavam uma nova e decisiva vontade de quebrar e deixar para sempre uma tradição medieval ultrapassada, foram com o tempo ouvidos pela Companhia de Jesus, que imediatamente manifestou uma intenção de remediá-lo com uma nova gramática que recebesse a aprovação de todos e satisfizesse as necessidades mais refinadas da época.

gramatizar o vernáculo, adaptando suas línguas às descrições dos gramáticos latinos e do testemunho dos autores clássicos. Conforme Gonçalo Fernandes, Álvares não cita outros autores, porém: “parece ter-se inspirado mais em Nebrija e em Despautério”, conforme atesta Torres (1998, p. 93-95), *apud* Fernandes (2007, p. 86).

Vejamos, nas palavras do próprio humanista do século XVI:

Figura 2 – Excerto do prefácio da gramática de Álvares.



Fonte: extraída de edição fac-símile (ÁLVARES, 1572).

Transcrição: *Suscepto itaque onere, operam dedi, ne officio meo deessent, fontes ipsos adii, M. Varronis Romanorum omnium eruditissimi libros de Etymologia, atque Analogia, duodecim Fabii Quintiliani de Institutione Oratoria, qui mihi magnum adiumentum attulerunt, Auli Gellii Noctium Atticarum undeuiginti, Probi, Diomedis, Phocae, Donati, Prisciani institutiones Grammaticas, ut potui perlegi, quorum postremus ante mille annos Iustiniani Principis aetate Athenis floruit. Is praeter caeteros, decem et octo libros scripsit, in quibus passim hominum doctissimorum testimoniis utitur, quorum hodie aut nulla, aut perexigua extant uestigia* (ÁLVARES, 1572, p. 4).

(E, assim, recebida esta tarefa, iniciei o trabalho, para que não falhasse neste meu ofício. Busquei as próprias fontes, os livros sobre a etimologia de Varrão, o mais erudito entre todos os romanos, e os livros sobre a analogia, os doze livros sobre a disciplina de oratória de Fábio Quintiliano, que me foram de grande valia, os dezenove livros das Noites Áticas de Aulo Gélio, os livros de Probo, de Diomedes, de Foca, de Donato e as obras de gramática de Prisciano. Conforme pude, examinei também obras mais antigas, entre

as quais as que floresceram mil anos antes do imperador Justiniano, ainda na época de Atenas. Ele, além de outros livros, escreveu dezoito obras nas quais, em diversas passagens, se vale dos testemunhos dos homens mais instruídos, dos quais hoje não restam, senão nenhum vestígio, apenas fragmentos muito esparsos).

Uma das características da gramática de Álvares, em sua edição de 1572, é o uso da língua latina em sua totalidade, como uma língua natural. A obra, que havia sido encomendada e confeccionada por solicitação de Diogo Laines, inicialmente, e posteriormente por Francisco Borja, em 1556, foi fruto de longa pesquisa linguística de Álvares, a partir dos autores supracitados, como veremos em excerto traduzido e analisado (FERNANDES, 2007). A pesquisa linguística de Álvares teve caráter filológico, pois se valeu de fontes textuais mais antigas, tendo coligido e comparado gramáticos diversos, a fim de estabelecer uma descrição didática da língua latina, organizando-a para o ensino nos estabelecimentos jesuíticos.

A língua latina gozava de grande prestígio entre os humanistas, sendo tratada como uma língua natural. Nesse sentido, a educação humanística previa um acesso às línguas clássicas ainda na primeira infância, a fim de permitir uma assimilação da língua pelos discentes ainda nas primeiras etapas de aquisição de linguagem. A obra de Álvares buscava atender essa demanda e expectativa, que seria organizada formalmente na *Ratio Studiorum*. Note-se que o humanista, além dos gramáticos latinos, cita também o latim de Justiniano como fonte, a que se acrescem os autores clássicos latinos, a concepção de *auctoritas* é fundamental para se compreender o pensamento linguístico renascentista.

Como língua oficial das cortes renascentistas europeias, o latim humanístico não era apenas uma língua de cultura, mas também uma língua da diplomacia, da gramatização de outras línguas e mesmo depósito cultural para a história dos feitos de navegação, militares e administrativos dos reis e nobres do período absolutista. Logo, a língua latina não estava restrita apenas a uma interpretação do pensamento antigo,

greco-romano, mas permitia o registro das inovações e descobertas científicas da época renascentista. Nesse sentido, o uso do latim não se restringia à leitura na época quinhentista.

Após a leitura da gramática de Álvares, a educação humanística jesuítica previa o estudo da retórica e da dialética, em latim humanístico, a que se seguiriam o estudo das artes do quadrívio, como geometria, aritmética, música e astronomia, antes do ensino teológico e filosófico. Disciplinas como medicina e direito desenvolviam-se também à época, além das técnicas de navegação, de mecânica e física. A gramática latina seria a primeira das disciplinas que daria acesso às outras ciências, que não estavam totalmente integradas ao vernáculo. Portanto, a gramática de Álvares era um manual inicial, organizado para docentes que atuassem em qualquer região, vinculada ao mundo ocidental renascentista (FERNANDES, 2007).

A obra de Álvares organiza-se no equilíbrio de dois princípios, inicialmente, antagônicos, a *ratio* e o *usus*. A síntese da *ratio*, oriunda das reflexões especulativa dos modistas, pela lógica aristotélica, e do *usus*, oriunda do registro da língua clássica interpretada dos *auctores* latinos, como Cícero, pelos humanistas, leva a uma obra gramatical que descreve a regularidade da língua latina, apontando as variantes mais comuns. Esse equilíbrio na gramática de Álvares permite que a obra tenha uma extensão adequada ao uso didático e pedagógico proposto pelos jesuítas, sendo um texto prático para o ensino e transmissão da cultura letrada em seu contexto social e histórico:

[...] a gramática do séc. XVI, ainda e por excelência a 'gramática latina', estabelece um compromisso e faz com que a síntese entre o *usus* e a *ratio*, critérios necessários para sustentar cientificamente toda a doutrina gramatical. Estes critérios são a tentativa, julgo que bem conseguida, de estabelecer um equilíbrio entre a teoria especulativa dos modistas e o labor filológico dos gramáticos do séc. XV. [...] (CARDOSO, 1995, p. 160).

Nesse sentido, ao buscar equilibrar a *ratio* e o *usus*, o humanista organiza um sistema de ensino, para crianças e jovens, pragmático e voltado à aquisição progressiva da língua latina, caracterizando a gramática latina como um *ludus* renascentista, um jogo como o xadrez, em que as regras gramaticais sucessivas levam à compreensão do sentido dos autores clássicos. A tradição especulativa medieval passa a ser limitada pelo instrumental da gramática humanística, o que é, por fim, o cunho pedagógico que diferencia seu autor: “o sucesso e multiplicidade desta gramática, ao longo de cerca de três séculos, está, sem dúvida, no carácter didáctico, apresentado de modo racional, com que estuda e descreve a língua latina” (CARDOSO, 1995, p. 161).

A organização do pensamento linguístico do humanista dá-se através de um processo descritivo da língua latina em sua modalidade clássica, a partir de um aparato teórico de cunho dedutivo, apresentando os conceitos com valor universal, como pressupunha a lógica aristotélica. Nesse sentido, descrição e dedução acompanham os exemplos analisados dos autores clássicos:

Relativamente à sintaxe [...] que constitui o *Liber II* [108 r. – 196 v.], Manuel Álvares segue o descritivismo e o método dedutivo já empregue na morfologia. Primeiro, expõe os preceitos de forma simplificada e, depois, aparecem explicações mais extensas, chegando estas a ocupar muito mais espaço que a “doutrina”. Álvares tenta encontrar um meio termo entre a *ratio* e o *usus*, servindo-se da auctoritas dos melhores autores latinos [...] (FERNANDES, 2007, p. 93).

Simplificando o processo da gramática especulativa, o humanista madeirense demonstrava uma descrição da língua latina integral, sem a visão fragmentária de gramáticos anteriores. Essa sistematização do latim clássico de forma racional e dedutiva estava exemplificada nos autores clássicos, estando hierarquizado o *usus* sobre a *ratio*, isto é, seria a lição dos autores clássicos preferível à teoria dos gramáticos. Isso tornava sua obra menos enfadonha, ou confusa, do que a de outros gramáticos da

época, como *Despauterius*⁵, ou mesmo os que se apoiavam nos gramáticos medievais como Pastrana. Devemos ter em mente que a obra de Álvares estava vinculada à educação de jovens:

[...] a gramática de Manuel Álvares superava o carácter fragmentário das anteriores e a sua total falta de sistematização com uma organicidade completa no estudo da língua. Mas essa sistematização racional não se perdia em devaneios de investigação sobre razões. Mais do que a razão interessava a “vontade e o uso dos melhores autores” os quais eram “preferíveis às leis de todos os gramáticos”, dizia o jesuíta. Interessava mais o convívio com os bons dos autores do que o aprofundamento da especulação teórica. [...] (MIRANDA, 1995, p. 511).

Houve no movimento humanístico um certo “purismo” entre aqueles que se consideravam ciceronianos, isto é, aqueles que seguiam apenas o latim de Cícero como o mais apurado. A obra de Álvares, novamente, destaca-se por equilibrar essas correntes, não se dedicando apenas à descrição do latim de Cícero, mas tendo como fonte a diversidade de autores clássicos que formava o cânon clássico. Entre os jesuítas, era importante a habilidade de escrever cartas em latim, tendo o modelo da epistolografia ciceroniana. A gramática do humanista português descreve o latim de Cícero, sem deixar de lado os outros autores da tradição clássica, incluindo autores como Terêncio, da tradição helenística:

[...] À proximidade com os melhores autores acrescia a posição moderada ou eclética de Manuel Álvares em relação às controvérsias de ciceronianismo: ao modelo exclusivo de Cícero, Manuel Álvares afirmava preferir o convívio com a variedade de autores Antigos, sempre comandados por Cícero. Manuel Álvares sabia que nem sempre a estreiteza das leis gramaticais acompanhava toda a riqueza

⁵ *Johannes Despauterius*, ou Jan van Spauter (c. 1480-1520), gramático humanista do círculo intelectual de Erasmo de Roterdã, sua obra foi muito utilizada na França renascentista e na época de André de Gouveia, até a fundação do Real Colégio das Artes de Coimbra (1548). Em Portugal, foi sucedido pela obra de Manuel Álvares, que se tornaria prescrita na *Ratio Studiorum*.

da expressão verbal. Por isso, situava-se inteligentemente entre a *ratio* e o *usus* da língua, como a observou Torres. [...] (MIRANDA, 1995, p. 511-512).

O uso da obra de Cícero como referência para a descrição da língua latina clássica é paradigmático no pensamento humanístico, assim como a obra de Aristóteles, à luz de S. Tomás de Aquino, está para os gramáticos modistas. Porém, a emulação dos autores clássicos torna-se mais complexa no desenvolvimento da corrente de pensamento humanística, e os usos da língua latina se difundem na prática poética e literária, não sendo Cícero o único e exclusivo modelo para o latim humanístico. Na obra de Álvares, há uma preocupação com a prática docente, na educação linguística, base das instituições de ensino da época, mas também para com a totalidade da latinidade clássica.

Cícero, como modelo de uma *ars bene dicendi*, uma arte do bem dizer, seria um modelo a ser emulado não apenas na produção textual, mas no uso do latim em discursos, na produção textual e epistolográfica quinhentista. Ao mesmo tempo, os conceitos ciceronianos de *studia humanitatis* e *Respublica litteraria* são fundamentais para compreendermos a corte portuguesa da época e a educação jesuítica proposta na obra de Álvares.

Após a edição de 1572, o humanista português editou uma versão menor de sua gramática, em 1573. Dessa forma, com uma *ars maior* e uma *ars minor*, a obra de Álvares popularizou-se entre seus pares, ganhando prestígio no meio humanístico. Resumindo a sua doutrina gramatical, com a diminuição de explicações e explicitações dos fatos linguísticos, sua *ars minor* diminuía o custo de edição, criando ao mesmo tempo a categoria de livros para alunos e professores. Rolf Kemmler (2013a) aponta essa diferença entre as artes, a *maior* e a *minor*. Os critérios editoriais revelam também uma estratégia de circulação das obras do humanista.

A edição de 1572, com a doutrina gramatical latina em sua totalidade, era voltada aos preceptores, os humanistas da ordem jesuítica que eram os professores de

latinidade. A descrição da língua latina é pormenorizada nessa edição, com exemplos e exceções colhidos dos autores clássicos latinos. Já a edição de 1573, sendo mais enxuta, apresentava o conteúdo voltado aos discentes, com finalidade de uso em sala de aula. A supressão de conteúdos seria uma estratégia didática que diferenciava o ensino humanístico da escolástica medieval, voltada ao método gramatical de exaustão pela especulação. Sobre a obra de 1573 de Álvares:

Primeiramente, para facilitar a todos os estudantes o estudo da língua latina, e aos menos endinheirados a aquisição do livro, apressou-se o autor a reduzir a bom compêndio a Arte grande. Corrigiu-lhe defeitos e suprimiu-lhe os comentários e maiores explicações, para que os principiantes do latim não se perturbassem nem perdessem o ânimo, enredados em tantos e tão longos, bem que eruditos, comentários, e no ano seguinte ao da primeira edição, o entregou aos prelos. (RODRIGUES, 1938, p. 54).

Na sociedade quinhentista portuguesa, de base econômica mercantilista, com o incremento do comércio e da vida urbana, os estudos e a aquisição de livros impressos tornam-se uma realidade. Nesse sentido, o humanista ao imprimir suas gramáticas, para maior circulação de sua obra, deveria pensar no custeio desse projeto educacional. Os livros deixavam de ser como os manuscritos medievais, parte do tesouro real ou de mosteiros de ordens religiosas, para se tornarem mais comuns, sobretudo entre os habitantes das cidades. Nesse aspecto, Álvares percebe a necessidade de uma edição voltada aos eruditos, e uma outra sintética, voltada a um público maior e interessado na formação humanística da época. Essas estratégias de circulação ajudaram a popularizar a sua obra gramatical quinhentista.

Springhetti (1961-1962) apresenta alguns argumentos para a popularização da obra de Álvares no período quinhentista, e mesmo posteriormente. Elenca os seguintes aspectos:

- 1) sforzo di render si indipendente dai metodi ed errori dei grammatici latini della decadenza, generalmente conservati e seguiti alia cieca durante tutto il Medio Evo;
- 2) fedeltà ai buoni autori del Antichità classica, dalle cui opere l'Alvares (come già gli Umanisti) attinse direttamente come alie fonti più pure della pura latinità;
- 3) orientazione costante della grammatica al conseguimento del dominio pratico della traduzione e composizione latina, scritta e parlata; orientazione che ne fa una grammatica descrittiva del latino letterario-classico, con svolgimento cíclico, conforme alle prescrizioni della *Ratio Studiorum* dei Gesuiti. (SPRINGHETTI, 1961-1962, p. 288-289)⁶.

Assim, a inscrição da obra do humanista na tradição gramatical latina dá-se pelo afastamento com o método da gramática especulativa, dos modistas, buscando simplificar a doutrina, apoiada em exemplos diretamente coletados dos autores clássicos. Sua descrição linguística do latim é didática, também aproveitando já a experiência de gramáticos anteriores, como Nebrija e Despautério, este último oriundo do círculo intelectual de Erasmo de Roterdã, em Lovaina.

3 A divisão de conteúdos e descrição da gramática latina

A obra *De Institutione Grammatica Libri Tres* divide-se em três livros. O *Liber primus*, o primeiro, compõe-se do que hoje rotulamos como Morfologia; já o *Liber secundus*, o segundo, refere-se à Sintaxe; e, por fim, o *Liber tertius*, o terceiro, à Fonética, ou Prosódia, da língua latina (FERNANDES, 2007). A divisão desses livros orientava também a divisão de conteúdos didáticos da *Ratio Studiorum*, em três classes de gramática, que duravam de três a cinco anos.

⁶ 1) um esforço para se tornar independente dos métodos e erros dos gramáticos latinos do período de decadência, geralmente preservados e seguidos cegamente ao longo da Idade Média; 2) fidelidade aos bons autores da Antiguidade clássica, de cujas obras Alvares (como os humanistas) retirou diretamente todas as fontes mais puras de pura latinidade; 3) orientação constante da gramática para o alcance do domínio prático de tradução e composição latina, escrita e falada; orientação que a torna uma gramática descrittiva do latim literário-clássico, com um desenvolvimento cíclico, conforme as prescrições da *Ratio Studiorum* dos Jesuítas.

O *Liber primus*, o livro I, que era destinado ao estudo e ao aprendizado da *Etymologia*, ou, em termos modernos da Morfologia, apresenta ao leitor as flexões nominais e verbais, as declinações e conjugações, de substantivos, adjetivos e verbos, assim como as classes gramaticais dos vocábulos latinos. O conteúdo é bem subdividido como vemos em uma edição do século XIX (ÁLVARES, 1823 [1572])⁷ que apresenta o sumário da obra, o que não ocorre na edição quinhentista. Álvares vale-se das categorias das partes da oração da tradição gramatical latina, iniciada em Donatus, que foi o professor de gramática de S. Jerónimo: nome, pronome, verbo, participio, preposição, advérbio, interjeição e conjunção (FERNANDES, 2007).

Vejamos, no quadro a seguir, a sequência de conteúdos, pelos capítulos do *Liber primus*:

Quadro 1 – Capítulos do *Liber primus* da gramática de Manuel Álvares (1823).

<i>Caput primum – Nominum Substantivorum Declinatio</i> (Declinação dos nomes substantivos)
<i>Cap. II – Nomina adjectiva et anomala</i> (Nomes adjetivos e anômalos)
<i>Cap. III – Pronominum declinatio</i> (Declinação dos pronomes)
<i>Cap. IV – Verborum conjugatio</i> (Conjugação dos verbos)
<i>Cap. V – Prima conjugatio – Amo</i> (Primeira conjugação – amo)
<i>Cap. VI – Secunda conjugatio – Doceo</i> (Segunda conjugação – ensino)
<i>Cap. VII – Tertia conjugatio – Lego</i> (Terceira conjugação – leio)
<i>Cap. VIII – Quarta conjugatio – Audio</i> (Quarta conjugação – ouço)
<i>Cap. IX – Scholia in conjugationes verborum</i> (Escólios nas conjugações dos verbos)
<i>Cap. X – Declinatio verbi deponentis</i> (A flexão do verbo deponente)
<i>Cap. XI – Declinatio verbi communis</i> (A flexão do verbo comum)
<i>Cap. XII – Verba anomala. Possum</i> (Verbos anômalos – posso)
<i>Cap. XIII – Verba defectiva</i> (Verbos defectivos)
<i>Cap. XIV – Rudimenta, sive de octo partibus orationis</i> (Rudimentos, ou sobre as oito partes da oração)
<i>Cap. XV – Praecepta generalia de constructione tyronibus ediscenda</i> (Preceitos gerais de construção para serem ensinadas aos alunos)

⁷ A edição de 1823 apresenta sumário, o que não ocorre na *editio princeps* de 1572. O sumário foi um acréscimo posterior, mas apresenta o conteúdo original da gramática.

Cap. XVI – <i>De generibus nominum paulo difficilioribus</i> (Sobre o gênero dos nomes um pouco mais difíceis)
Cap. XVII – <i>De nominum declinatione</i> (Sobre a declinação dos nomes)
Cap. XVIII – <i>De praeteritis et supinis</i> (Sobre os pretéritos e os supinos)

Fonte: elaborado pelos autores.

O *Liber secundus*, o segundo livro da gramática de Álvares, ocupa-se do tema da sintaxe, ou da construção: “O objecto de estudo da sintaxe é a oração, que ele classifica de transitivas e intransitivas, podendo estas ser justas (*constructio iusta*) ou figuradas (*constructio figurata*) (FERNANDES, 2007, p. 93). Segundo a descrição de Álvares, a oração transitiva é aquela cujo verbo necessita de um complemento, sendo este verbo ativo, passivo ou neutro, em relação à categoria de complemento. Por outro lado, a oração intransitiva é aquela que se constrói com um verbo intransitivo e vinculado apenas a um nome substantivo, no caso nominativo. A *constructio figurata* refere-se ao estudo da estilística e de variações sintáticas em virtude de efeitos de estilo, sendo no caso os barbarismos e solecismos os mais comuns.

Os barbarismos mais comuns para Álvares são a supressão de sílabas de uma palavra latina, erros ou variantes nas declinações e conjugação verbal, troca de letras, que ocorrem muitas vezes para atender aos requisitos da métrica clássica, que possui um padrão muito rigoroso de contagem de sílabas e quantidade de vogais. Já os solecismos são referentes às figuras de sintaxe, como elipse, silepse e zeugma, mais comuns na prosa, mas também presentes na poética latina clássica (FERNANDES, 2007). Vejamos, em um segundo quadro, os conteúdos didáticos do *Liber secundus*:

Quadro 2 – Capítulos do *Liber secundus* da gramática de Manuel Álvares (1823).

Caput primum – <i>De concordantiis</i> (Sobre a concordância)
Cap. II – <i>De constructione verbi activi</i> (Sobre a construção do verbo ativo)
Cap. III – <i>De constructione verbi passivi</i> (Sobre a construção do verbo passivo)
Cap. IV – <i>De constructione verbi neutri</i> (Sobre a construção do verbo neutro)
Cap. V – <i>De constructione verbi communis</i> (Sobre a construção do verbo comum)

Cap. VI – <i>De constructione verbi deponentis</i> (Sobre a construção do verbo depoente)
Cap. VII – <i>De constructione verbi impersonalis</i> (Sobre a construção do verbo impessoal)
Cap. VIII – <i>De communi omnium verborum constructione</i> (Sobre a construção comum de todos os verbos)
Cap. IX – <i>De constructione verbi infiniti</i> (Sobre a construção do verbo no infinitivo)
Cap. X – <i>De constructione gerundiorum</i> (Sobre a construção dos gerúndios)
Cap. XI – <i>De constructione supinorum</i> (Sobre a construção dos supinos)
Cap. XII – <i>De participiorum constructione</i> (Sobre a construção dos participípios)
Cap. XIII – <i>De constructione nominis</i> (Sobre a construção do nome)
Cap. XIV – <i>De constructione pronominis</i> (Sobre a construção do pronome)
Cap. XV – <i>De numeri distributivi constructione</i> (Sobre a construção do número distributivo)
Cap. XVI – <i>De praepositionum constructione</i> (Sobre a construção das preposições)
Cap. XVII – <i>De constructione adverbii</i> (Sobre a construção do advérbio)
Cap. XVIII – <i>De interjectionis constructione</i> (Sobre a construção da interjeição)
Cap. XIX – <i>De conjunctionis constructione</i> (Sobre a construção da conjunção)
Cap. XX – <i>De figurata constructione</i> (Sobre a construção figurada)
Cap. XXI – <i>De barbarismo</i> (Sobre o barbarismo)
Cap. XXII – <i>Obscura orationis vitia</i> (Os vícios obscuros da oração)
Cap. XXIII – <i>Inornatae orationis vitia</i> (Os vícios da oração sem ornamento)

Fonte: elaborado pelos autores.

O *Liber tertius* é dedicado a aspectos fonéticos, como a prosódia, que são descritos e analisados fenômenos como o alfabeto latino e o sistema de sílabas do latim, as vogais breves e longas, as consoantes e a acentuação, e, por fim, os metaplasmos:

Manuel Álvares ainda se refere aos metaplasmos – anteriormente chamados barbarismos para o uso corrente da língua –, isto é, as figuras que, por necessidade métrica ou na busca de uma maior elegância, permitem ao poeta abusar de construções tidas,

normalmente, como incorrectas: [...]. Álvares refere especificamente neste campo a prótese, epêntese, paragoge, aférese, síncope, apócope, antítese e metátese, repetindo a sinalefa, a epissinalefa, diérese, eclipse, sístole e diástole como *etiam Metaplasmi species*. (FERNANDES, 2007, p. 96).

Vejamos, por fim, um último e terceiro quadro, com os conteúdos gramaticais do *Liber tertius* da gramática:

Quadro 3 – Capítulos do *Liber tertius* da gramática de Manuel Álvares (1823).

<i>Caput primum – De litteris, ac syllabis</i> (Sobre as letras e sílabas)
<i>Cap. II – Praecepta generalia de syllabarum brevitate, ac longitudine</i> (Preceptos gerais sobre a brevidade das sílabas e sua duração)
<i>Cap. III – De incremento singulari nominis</i> (Sobre o incremento do nome no singular)
<i>Cap. IV – De incremento plurali nominis</i> (Sobre o incremento do nome no plural)
<i>Cap. V – De verborum incremento</i> (Sobre o incremento dos verbos)
<i>Cap. VI – De ultimis syllabis</i> (Sobre as últimas sílabas)
<i>Cap. VII – De syllaba communi</i> (Sobre a sílaba comum)
<i>Cap. VIII – De necessitate metrica, et licentia poetica</i> (Sobre a necessidade métrica e a licença poética)
<i>Cap. IX – De pedibus</i> (Sobre os pés)
<i>Cap. X – De versu</i> (Sobre o verso)
<i>Cap. XI – De figuris quae spectantur in carminum dimensione</i> (Sobre as figuras que são observadas na dimensão dos textos poéticos)
<i>Cap. XII – De caesura</i> (Sobre a cesura)
<i>Cap. XIII – De patronymicis nominibus</i> (Sobre os nomes patronímicos)
<i>Cap. XIV – De metaplasmo, et figuris quibusdam poetarum</i> (Sobre o metaplasmo e algumas figuras dos poetas)
<i>Cap. XV – De prosodia sive accentu</i> (Sobre a prosódia ou acento)
<i>Cap. XVI – Calendae, nonae, idus</i> (Calendas, nonas e ido)
<i>Cap. XVII – De nexu consonantium, et recta syllabarum divisione</i> (Sobre o nexa das consoantes, e a divisão correta das sílabas)
<i>Cap. XVIII – De interpunctione</i> (Sobre a pontuação)

Fonte: elaborado pelos autores.

Álvares dispõe o conteúdo gramatical de um modo racionalista, centrado na *ratio*, isto é, em um princípio lógico progressivo para a descrição do sistema linguístico latino a partir dos textos clássicos latinos. Como a métrica e a fonética latinas diferem muito do vernáculo português, e de outras línguas vernaculares ocidentais, o tema é

deixado para o final da exposição da gramática. Acerca do modo racionalista de exposição e descrição da língua latina, de suas regras e regularidades:

esposte brevemente le rególe, vi aggiunge in corsivo Appendici e Commentari pieni di osservazioni e spiegazioni storiche, filologiche, pedagogiche per i professori; il che denota Studio intenso e scrupoloso, lettura accurata e minuziosa degli autori e grammatici, erudizione singolare. Nella sintassi espone nitidamente le rególe, le prova con esempi, vi aggiunge una o più appendici con rególe più difficili e con eccezioni. E una gradazione di difficoltà: le rególe comuni le accomoda alla capacità di tutti gli studenti; le appendici invece le riserva per gli scolari più capaci e più preparati, e per i professori. (SPRINGHETTI, 1961-1962, p. 289)⁸.

Ao longo do artigo, buscamos analisar as fontes gramaticais, a recepção e a divisão de conteúdos da obra *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) de Manuel Álvares, SJ, uma dos textos gramaticais mais expressivos e prestigiados da tradição humanística. A obra de Álvares esteve em uso na América portuguesa até o século XVIII. Vimos que o humanista português desenvolveu uma gramática que apresenta a descrição da língua latina, de uma forma didática, com a finalidade propedêutica para o uso nos colégios jesuíticos, como as instituições dos missionários do Brasil à época colonial.

Seu modo de descrição da língua latina, com a exposição das regras gramaticais e a regularidade do sistema linguístico, nos planos morfológico, sintático e fonético, vão se tornar um morfótipo textual, influenciando na tradição gramatical subsequente. A teoria é exemplificada com os autores clássicos, estando a gramática vinculada à

⁸ Álvares expôs brevemente as regras, ele acrescenta Apêndices e Comentários em cursiva, repletos de observações e explicações históricas, filológicas e pedagógicas para os professores; o que denota um estudo intenso e escrupuloso, uma leitura apurada e meticulosa dos autores e gramáticos, uma erudição singular. Na sintaxe, ele expõe claramente as regras, testa-as com exemplos, adiciona um ou mais apêndices com regras mais difíceis e com exceções. E há uma gradação de dificuldade: as regras comuns se acomodam à habilidade de todos os alunos; os apêndices, por outro lado, são reservados para os alunos mais capazes e mais preparados, e para os professores.

interpretação de textos. Álvares influirá nos modelos gramaticais subsequentes, como a gramática racionalista, de cunho filosófico iluminista, que sucede o período da Linguística Missionária, cuja educação estava vinculada ainda a círculos intelectuais das ordens religiosas. Tendo servido de modelo a obras de outros jesuítas, a gramática de Álvares estava ratificada pela *Ratio Studiorum*, estando registrada como o documento educacional mais prestigiado de um determinado momento e período histórico, o contexto cultural da política missionária jesuítica.

4 Considerações finais

A título de conclusão, podemos notar que a organização de conteúdos da gramática de Manuel Álvares foi um dos principais fatores para o prestígio de sua obra, entre seus pares. Sua sistematização na descrição da língua latina era didática e progressiva, tendo um caráter pedagógico e pragmático, o que era uma das bases da educação humanística, para o uso em colégios. Este prestígio, notável na documentação da época, como a prescrição na *Ratio Studiorum*, é um tema recorrente na análise de seu modelo descritivo. A obra de Álvares influenciou também no ensino de língua latina na América portuguesa, pelos missionários jesuítas.

Após o período jesuítico, com a secularização posterior, a gramática de Álvares seria substituída por concepções iluministas de ensino, sobretudo, com a obra gramatical dos racionalistas, para a descrição do vernáculo, usado como língua nacional (CAVALIERE, 2012). Porém, a sistematização e a organização de temas da gramática do humanista jesuíta influíram no período posterior, no processo de descrição das línguas românicas, por exemplo. A ordem de conteúdos para gramáticas de língua latina posteriores pouco se alterou, e mesmo autores dos séculos XVIII e XIX ainda se valiam da organização da gramática de Álvares em seus textos gramaticais. Note-se o fato de que a gramática de Álvares foi traduzida e reeditada ao longo do século XIX, como na edição de 1823, de que nos valem.

Em relação à recepção da obra de Manuel Álvares no Brasil, ainda há a necessidade de estudos mais sistemáticos, sendo provável o uso de sua gramática desde o período de Anchieta e de Figueira, ainda nos séculos XVI e XVII. Os colégios jesuíticos na província do Brasil adotaram o ensino da *Ratio Studiorum*, e, conseqüentemente, a obra de Álvares foi o principal livro didático, para o início dos estudos teológicos. As pesquisas na área de Gramaticografia brasileira, a história da gramática no Brasil, ao analisar o período colonial, não podem esquecer a presença da gramática humanística de Álvares nesse contexto, como um dos textos mais prestigiados ao longo de dois séculos de presença jesuítica na América portuguesa, entre 1549 e 1759.

Referências Bibliográficas

ÁLVARES, M. **De Institutione Grammatica libri tres**. Lisboa: João Barreira, 1572.

ÁLVARES, M. **Libri tres de Institutione Grammatica [1572]**. Regii: Apud Jos. Davolium, 1823.

CARDOSO, S. A gramática latina no séc. XVI: as partes orationis na gramática do Pe. Manuel Álvares (1572) e na Minerva de Sanctius (1587). **Revista da Faculdade de Letras línguas e Literaturas**, Porto, v. 12, p. 159-172, 1995. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2703.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CAVALIERE, R. Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação. **Limite**, n. 6, p. 217-236, 2012.

FERNANDES, G. De Institutione Grammatica Libri Tres (1572) de Manuel Álvares (1526-1583). **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 85-99, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/4/085.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum**. São Paulo: Kíron, 2019.

KALTNER, L. **Escrever sobre a areia**: estudos culturais sobre o Brasil do século XVI (Volume 1). Rio de Janeiro: Sapere, 2013.

KALTNER, L. O latim na colonização do Brasil quinhentista. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: Línguas e culturas em contato, Rio de Janeiro, n. 53, p.39-60, 2016. DOI <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2016n53a243>

KEMMLER, R. De institvtione grammatica libri tres (Lisboa, 1573): a edição princeps da ars minor de Manuel Álvares. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 17, 2013a. Disponível em:

<https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/8206/1/Kemmler%20-%202014d%20-%20Ars%20minor%20RPH.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

KEMMLER, R. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latinoportuguesa nos séculos XV a XIX. **Veredas – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Santiago de Compostela, v. 19, 2013b. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19_artigo9.pdf?ln=pt-pt. Acesso em: 17 jun. 2021.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo I**. Tipografia Porto Médico, 1938.

MIRANDA, M. O Padre Manuel Álvares e a primeira gramática global. *In: Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades*. Volume 2, p. 505-513, Funchal: Esfera do Caos, 1995.

MIRANDA, M. Humanismo jesuítico e identidade da Europa: “uma comunidade pedagógica europeia”. **Hvmanitas**, Coimbra, v. 53, p. 84-111, 2001.

MIRANDA, M. O Humanismo no Colégio de São Paulo (séc. XVI) e a tradição humanística europeia. **Hvmanitas**, Coimbra, v. 62, p. 243-263, 2010. DOI https://doi.org/10.14195/2183-1718_62_13

MIRANDA, M. A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa moderna. **Hvmanitas**, Coimbra, v. 63, p. 473-490, 2011. DOI https://doi.org/10.14195/2183-1718_63_26

NAVARRO, E. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. *In: PINHO, S. et al. Actas do Congresso Internacional*

Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998). v.1. Coimbra: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. p. 385-406.

PONCE DE LEÓN, R. A gramática racionalista em Portugal no século XVI (1497-1610). *In*: DUARTE, S.; PONCE DE LEÓN, R. (org.). **A Gramática Racionalista na Península Ibérica (Séculos XVI-XIX)**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2015. p. 9-40.

RODRIGUES, F. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal.** Tomo II, v. 2. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1938.

SPRINGHETTI, E. Storia e fortuna della Grammatica di Emmanuele Alvares, S. J. **Humanitas**, Coimbra, v. 13-14, 1961-1962. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas13-14/07_Springhetti.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 1-21, 2013. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1171.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

TORRES, A. **Gramática e linguística: Ensaio e Outros Estudos.** Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Linguísticos, 1998.

Artigo recebido em: 17.06.2021

Artigo aprovado em: 05.08.2021